

Coleção Aventuras Grandiosas

Jonathan Swift

VIAGENS DE GULLIVER

Adaptação de Ana Carolina Vieira Rodriguez

3ª edição

 **EDITORA
RIDEEL**

Capítulo 1

O NAUFRÁGIO

Eu havia me formado médico havia pouco tempo. Meu consultório ainda tinha poucos pacientes e, na verdade, eu não estava gostando muito da minha rotina. Trabalhava pouco e o dinheiro que ganhava quase não dava para sustentar minha esposa Mary e meus filhos. Certo dia, um amigo, que era comandante de um navio, foi me visitar.

— Gostaria de lhe fazer um convite, Gulliver. Você quer trabalhar como médico de bordo do meu navio **ANTÍLOPE**? — perguntou.







Eu estava acostumado a navegar desde a infância. Gostava de viagens marítimas, de enfrentar ondas grandes e ventos fortes. Quando entrei na Faculdade de Medicina, precisei abandonar essas viagens, pois tinha pilhas de livros para ler e muitas aulas às quais me dedicar. Quando o comandante do Antílope fez a proposta, meus olhos brilharam. Minha esposa pediu muito para que eu não embarcasse. Tinha ouvido muitas histórias de navios que se perdem e nunca voltam, lendas de monstros marinhos e furacões que sugam os marinheiros.

Mas minha ânsia por aventuras foi mais forte. Em 4 de maio de 1699 parti com o Antílope e a sua tripulação do porto de Bristol, na Inglaterra. É claro que não **IGNOREI** meu papel de pai e marido. Deixei todas as minhas economias com Mary, além do dinheiro que consegui vendendo os móveis do consultório. Expliquei à minha família sobre a necessidade que tinha de embarcar e eles ficaram **CONFORMADOS**, sabendo que eu estaria mais feliz exercendo a função de médico em alto-mar. “Além disso”, disse a eles, “logo estarei de volta. Ganharei dinheiro, teremos uma vida melhor”.

As primeiras semanas de viagem foram tranquilas. Como o meu emprego não exigia que eu me dedicasse em tempo integral, afinal não há pessoas doentes a bordo todo dia, ofereci-me para trabalhar como marinheiro. Assim, ajudava a tripulação no que era necessário.

No dia em que o capitão nos avisou que em breve chegaríamos à Índia, uma tempestade horrível começou. Ondas gigantescas atingiam a **PROA** e lavavam o **CONVÉS**, arrastando com elas tudo o que encontravam pela frente. Tínhamos de controlar as velas, que podiam se rasgar com ventos fortíssimos.

Quando a noite chegou, um **ESTRONDO** se ouviu e todos nós percebemos que teríamos de pular na água. O navio havia batido contra um rochedo

-  **ANTÍLOPE**: animal mamífero muito comum na África
-  **IGNOREI**: fingi não tomar conhecimento
-  **CONFORMADO**: resignado
-  **PROA**: a parte da frente de um barco
-  **CONVÉS**: piso ou pavimento de um barco, deque
-  **ESTRONDO**: forte barulho



de repente, fazendo com que o **CASCO** praticamente se partisse ao meio. Gritei pelos meus companheiros, mas não ouvi resposta. Comecei a nadar. Era preciso vencer as ondas, que por vezes quebravam em cima de mim.

Quando a chuva se acalmou um pouco, comecei a sentir **CÃIBRAS**. Estiquei o corpo e me deitei de costas para boiar. Logo que recuperei as forças voltei a nadar. Foi então que senti algo sob meus pés, era uma coisa fofa e eu podia caminhar sobre ela.

— Terra! — gritei. — É areia, terra firme!

Andei com dificuldade até a praia e me deitei. Pensei em Mary, nas crianças, na minha casa... Senti muitas saudades de tudo e, exausto, acabei adormecendo.

Capítulo 2

O MUNDO PEQUENINO

Acordei com o sol nos olhos. Ainda me sentia muito cansado e tinha dores pelo corpo. Tentei movimentar o braço e não consegui. Depois procurei levantar, mas minha cabeça não saiu do chão. Eu estava completamente preso à areia da praia. Fiquei desesperado, não sabia o que estava acontecendo.

De repente, senti uma espécie de cócegas na perna, que foi subindo para a barriga e em seguida para o peito. “O que será isso? Deve ser um caranguejo ou talvez haja formigas nesta praia”, pensei com medo. Eu só conseguia enxergar o azul do céu, pois estava imobilizado. Em questão de segundos, as cócegas passaram para o pescoço e, finalmente, para o queixo. Abaixando os olhos, pude enfim ver o que estava sobre mim.

— Socorro!!!! — gritei desesperado.

A criatura que pisava no meu queixo era um ser humano em miniatura. Parecia um soldadinho de chumbo, só que de carne e osso. Meu grito fez com que ele caísse no chão. Logo senti vários homenzinhos subindo no meu corpo e indo me olhar do alto do meu nariz. Estávamos todos assustados. Um deles, que parecia ser o chefe, começou a fazer um discurso enorme em cima do meu queixo. Tinha cara de poucos amigos e parecia muito corajoso. Pisava firme e me olhava nos olhos sem sinal de medo. Eu não entendia nada da língua dele, mas achei melhor fingir que prestava atenção. Quando ele desceu e ordenou que soltassem meu cabelo, pude virar o rosto. Foi aí que percebi que eu estava preso por milhares de linhas, que atravessavam meu corpo de um lado a outro, e eram amarradas a minúsculas estacas fincadas no chão.



CASCO: corpo da embarcação



CÃIBRA: contração dolorosa dos músculos





O resto do dia foi muito estranho. Pedi que me libertassem, mas eles não entenderam. O tal chefe foi muito atencioso e mandou que me dessem comida. Os homens pequeninos soltaram as amarras do meu braço direito e assim eu pude pegar as **IGUARIAS** que haviam colocado sobre uma toalha estendida na areia. Ofereceram-me uns trinta ou quarenta frangos, que eram do tamanho de uma asa de passarinho. Para acompanhar, tomei copos de vinho do tamanho de um **DEDAL** de costura. Aquela comida bem-feita e saborosa me fez recuperar o cansaço, mas o vinho me deu muito sono. Adormeci, porém antes ouvi muitos deles dizerem insistentemente a palavra Lilliput. Mais tarde, vim a saber que esse era o nome do país onde eu estava.






No dia seguinte, percebi que aquelas criaturas ainda estavam com medo de mim. Nós não conseguíamos nos falar por causa das diferentes línguas, mas, através de gestos, consegui que eles compreendessem que eu não pretendia lhes fazer mal. Aos poucos foram me soltando, mas um verdadeiro exército em miniatura me cercava. Quando eu fazia qualquer gesto suspeito, atiravam flechas em mim. Elas machucavam como pequenas agulhas que entravam na minha pele.

Não reagi a nenhum ataque, apenas tirei as flechas do corpo e pedi para que parassem. Por fim, fui totalmente solto e pude ficar de pé. Um grito de pavor saiu da boca dos milhares de homenzinhos ao meu redor, por isso logo me sentei e eles se acalmaram.

Depois de um tempo, o chefe **CONFABULOU** com várias pessoas e, por meio de gestos, o exército me fez entender que eu devia então levantar e andar até a capital do reino. Tomei muito cuidado para não pisar em nenhum deles. Chegando lá, fiquei encantado com o que vi. Era uma cidadezinha linda, com campos, plantações, casas, árvores, animais, flores, tudo minúsculo. As pessoas, curiosíssimas, abriam as janelas para me ver passar.

Fui levado a uma igreja abandonada, que tinha uma porta grande e que seria a minha casa. Para entrar nela, eu precisava me arrastar no chão; entretanto, o local era amplo o suficiente para que eu me deitasse se quisesse. Só não era possível ficar de pé lá dentro, pois eu bateria com a cabeça no teto.

No fim da tarde, o rei saiu de sua torre e foi me ver, montado em um minicavalo e acompanhado de uma pequena **COMITIVA**. Examinou-me da cabeça aos pés e ordenou que **ACORRENTASSEM** minha perna esquerda a um

-  **IGUARIA:** comida deliciosa
-  **DEDAL:** objeto cilíndrico que se encaixa no terceiro dedo da mão direita de quem costura; serve para empurrar a agulha
-  **CONFABULOU:** trocou ideias, conversou sobre algum assunto secreto
-  **COMITIVA:** pessoas que acompanham, séquitos
-  **ACORRENTASSEM:** prendessem com correntes

PILAR da entrada da igreja. Tentei me comunicar com ele em inglês, espanhol, português, francês, italiano, mas foi impossível, ele não entendia nenhuma dessas línguas. Por fim foi embora e eu decidi entrar na minha nova casa e dormir um pouco.

Capítulo 3

A VIDA EM LILLIPUT

Dormi no chão durante quinze dias, mas depois o rei mandou trazer uma cama para mim, que foi construída a partir da junção de seiscentas camas lilliputianas. Os lençóis e cobertores que ganhei foram feitos pelas costureiras do reino da mesma forma, com a emenda de minúsculos panos.

Eu dava muitas despesas para Lilliput, era preciso que trezentos cozinheiros trabalhassem dia e noite para me alimentar. Comia oito perus de uma vez, para se ter uma ideia do tamanho da ave que me serviam. E isso era apenas o aperitivo, pois, em cada refeição, eu **INGERIA** cerca de cem pãezinhos, vinte lombos de vaca, muitas tortas de legumes e vários carneiros. Mais tarde fiquei sabendo que era o próprio povo que me sustentava. O rei ordenara que cada cidade do reino enviasse à capital, diariamente, quarenta carneiros, seis bois, dez frangos, ovos, pães, vinho etc. Todos tinham de contribuir para o grande Homem-Montanha, como mais tarde soube que me chamavam, não passar fome.

O rei designou que seis sábios me ensinassem a língua de Lilliput. Eu tinha aulas todos os dias e, em pouco tempo, pude começar a me comunicar com o **MONARCA**. Um dia, assim que ele chegou para me visitar, pedi:







— Grande monarca de Lilliput, por favor, **CONCEDA-ME** a liberdade.

— Você precisa ter paciência — disse. — Primeiro tenho de acreditar que será fiel ao meu reino, a mim e aos súditos da coroa.

— Majestade, quero provar que sou uma pessoa de bem e que vou obedecer a todas as ordens que receber aqui em Lilliput.

O rei se interessou e quis saber qual era a minha ideia.

— Eu me deitarei no chão e permitirei que me **REVISTEM**. Podem **CONFISCAR** todos os objetos que encontrarem em meus bolsos.

-  **PILAR**: coluna simples que constitui o elemento vertical da estrutura de uma construção
-  **INGERIA**: comia, engolia
-  **MONARCA**: rei
-  **CONCEDA-ME**: dê-me, permita-me, concorde com
-  **REVISTEM**: examinem, busquem
-  **CONFISCAR**: apreender, apoderar-se, apossar-se





— Que ótima ideia — disse o rei. — Mas há uma condição. Se algum objeto encontrado for útil ao reino, você não poderá tê-lo de volta quando for embora daqui.

— Combinado! — aceitei, já me deitando no chão da antiga igreja.

Oito súditos do rei fizeram a revista. Encontraram coisas que nunca tinham visto, inclusive um relógio de bolso. Perguntaram o que era e eu expliquei:

— Não sei o nome disso na língua de vocês, mas lhes digo que o uso muito. Consulto-o todo o tempo para calcular a hora certa de fazer cada coisa durante o dia.

— Então é seu deus — disse o rei sorrindo. — Você o consulta como se ele fosse um profeta ou oráculo, certo?

— Certo — afirmei, pois não queria contrariá-lo.

Além do relógio acharam meu diário, moedas de prata, meu lenço, que acabou virando tapete do palácio real, e, também, minha arma.

— Isto é muito perigoso, majestade — **ADVERTI**. — É uma arma de fogo e preciso de permissão para mostrar-lhe como funciona.

— Tem minha permissão — disse o rei, curioso para ver a arma disparar.

Coloquei a pólvora e as balas, que eu havia guardado com cuidado e que, ainda bem, não tinham molhado durante o naufrágio. Em seguida avisei:

— Afastem-se e tapem os ouvidos.

Atirei em direção ao mar, causando medo e desespero em todos que estavam por perto. Muitos desmaiaram e até o rei ficou desconcertado com o estouro.

— Entregue-me esta arma imediatamente — ordenou.

— É sua, majestade, mas por favor lembre-se de guardar a pólvora e as balas bem longe dela — avisei.

Depois de terminada a revista, o rei finalmente ordenou:


— Podem soltar as correntes do Homem-Montanha.

— Muito obrigado, majestade. Nem sei como agradecer-lhe — disse.

Capítulo 4

PROBLEMAS COM O REINO VIZINHO

Um belo dia, estava terminando de almoçar quando recebi uma visita. Era Reldresal, o ministro do Interior. O homenzinho minúsculo levava uma **RUGA** de preocupação na testa. Pedi que eu o segurasse na mão para que pudessemos olhar um no olho do outro. Então começou:

-  **ADVERTI:** avisei, preveni, fiz advertência
-  **RUGA:** prega ou dobra na pele

— Homem-Montanha, venho em nome do rei **EXPOR-LHE** o que acontece no reino de Lilliput. Há muitos anos vivemos em guerra contra Blefuscu, o outro grande e poderoso reino do universo. Agora, segundo nosso **ESPIÃO**, estamos prestes a sofrer uma invasão. Seremos atacados por uma gigantesca **ESQUADRA**.

— Por que vivem em guerra, caro ministro?

— É uma longa história. Antigamente, era costume em todo o reino quebrar-se o ovo pelo lado mais largo antes de fritá-lo. Porém, um dia, o avô do nosso rei cortou um dedo quebrando o ovo dessa forma. Imediatamente, o pai dele decretou que, a partir daquele dia, todos os cidadãos deveriam quebrar o ovo do lado mais estreito, caso contrário sofreriam terríveis penas. Muitas pessoas se revoltaram com isso na época, fazendo **CONSPIRAÇÕES** e organizando **MOTINS**.

— E o que Blefuscu tem que ver com isso?

— O próprio rei daquele reino estimulava as rebeliões em Lilliput. E quando as lutas terminavam, os perdedores recebiam **ASILO** político em Blefuscu. Há mais de onze mil pessoas refugiadas por lá. Elas dizem preferir a morte a ter de quebrar os ovos do lado mais estreito.

— E o que o rei espera de mim, diante do ataque **IMINENTE**?

— O rei admira sua força e lealdade. Enviou-me aqui para lhe explicar a situação e, talvez, negociar sua liberdade definitiva.

Eu disse a Reldresal que estava disposto a ajudar o reino de Lilliput. Queria voltar à Inglaterra para ver minha família e meus amigos. O ministro foi imediatamente avisar o rei, que chegou à minha casa em menos de dez minutos.

— Quais são os planos, majestade? — perguntei.

— Não temos muito tempo. Acabamos de saber que cinquenta navios inimigos estão prontos para **ZARPAR** de Blefuscu. Esperam apenas um vento a favor. Você é quem precisa arquitetar um plano para destruir essa esquadra entre hoje e amanhã.

No dia seguinte, bem cedo, expliquei ao rei o que faria e pedi permissão para começar as **INVESTIDAS** contra os blefuscuanos. Fui até o lado da costa



EXPOR-LHE: explicar-lhe



ESPIÃO: agente secreto encarregado de recolher informações sobre uma potência estrangeira e fornecê-las ao governo por cujo interesse trabalha



ESQUADRA: conjunto de navios de guerra



CONSPIRAÇÃO: trama, combinação secreta



MOTIM: rebelião, revolta, tumulto



ASILO: proteção, abrigo, lugar onde pessoas se refugiam para não receberem penas da lei



IMINENTE: que está para acontecer em breve



ZARPAR: levantar âncora, fugir, partir



INVESTIDA: tentativa de atacar





onde era possível avistar o reino vizinho. Tirei meus sapatos, o casaco e entrei na água. Nadei devagar até o local da esquadra. Quando os marinheiros me viram, saíram correndo, apavorados. Isso me deu mais tempo para realizar as tarefas que eu tinha em mente.

Com muito cuidado, comecei então a desamarrar as cordas de cada um dos navios **ATRACADOS** no porto e uni-las na minha mão. Elas tinham a grossura de uma linha de costura. Em seguida, cortei os cabos das âncoras. Precisei esperar algum tempo, pois queria que a maré baixasse o suficiente para que eu pudesse voltar caminhando pelo fundo do mar. Seria complicado nadar e puxar ao mesmo tempo tantos barcos atrás de mim. Nesse instante, os blefuscuanos voltaram atirando flechas em meu rosto.

Sem mais tempo para nada, encaminhei-me para Lilliput. Atravessei o canal a pé, com a água muitas vezes batendo na boca. Chegando lá, recebi palmas da multidão em miniatura. O rei se aproximou e disse:

— Finalmente agora, com a sua ajuda, Homem-Montanha, vamos poder liquidar Blefuscu de vez. Na semana que vem, quero que me traga os navios mercantes e os exilados para serem julgados e mortos. Obrigarei todos os blefuscuanos a quebrar os ovos pelo lado estreito. Serei o monarca mais poderoso do universo!

— Desculpe-me, majestade — respondi. — Creio que não haja necessidade disso. Sem os navios de guerra, Blefuscu já não apresenta perigo para Lilliput. Por que escravizá-los dessa maneira?





— É um antigo sonho meu. Lembre-se do quanto tem recebido de nós e do seu juramento de fidelidade, Homem-Montanha.

Fiquei quieto e fui descansar, pensando em como os homens de poder são **AMBICIOSOS** e **ÁVIDOS** por realizar seus **CAPRICHOS**. Percebi que eu ainda teria um grande preço a pagar por minha liberdade.

Capítulo 5

O REI CONTRA O HOMEM-MONTANHA

Dias depois do sequestro dos navios, embaixadores blefuscuanos vieram a Lilliput para propor um tratado de paz. Um acordo entre os reinos foi assinado, no qual Lilliput tinha muito mais vantagens. Em seguida eles pediram ao rei se podiam me ver, afinal, queriam conhecer o grande Homem-Montanha.

-  **ATRACADO:** encostado ao cais
-  **AMBICIOSO:** pessoa com muita ambição, que valoriza demais o poder, a glória, a riqueza e a posição social
-  **ÁVIDO:** ansioso, sedento
-  **CAPRICO:** desejo impulsivo, súbito, sem justificação aparente; extravagância

O soberano, orgulhoso, pediu que eu ficasse de pé e caminhasse ao redor dos blefuscuanos. Exibiu a eles meu relógio e minha arma. Admirados, os habitantes do reino vizinho me convidaram para visitar a terra deles. Queriam que a população de Blefuscu também visse o gigante. Prontamente, respondi:

— É claro que irei. Adoro conhecer povos e locais diferentes.

O rei me olhou friamente e disse:

— Não ouse sair do reino sem a minha permissão.

Mandou que os embaixadores se retirassem e reuniu seus ministros a portas fechadas. Horas mais tarde, Reldresal apareceu em minha casa assustado.

— Você corre perigo, Homem-Montanha — alertou-me. — O rei acusou-o de traição. Diz que você se recusou a trazer outras embarcações de Blefuscu, a sequestrar os exilados e ainda por cima aceitou um convite para visitar o reino inimigo.

— Mas eu pensei que agora existisse um tratado de paz, que não houvesse mais guerra — respondi. — Além disso, Blefuscu já está bem **DEFALCADA** sem a sua esquadra. Não vou acabar de destruir um povo inocente.

— Fique muito atento. Decidiram que, à noite, tentarão machucar seus olhos para cegá-lo, assim você só poderá “enxergar” por intermédio do rei e de seus ministros.

Chateado, esperei escurecer e nadei até Blefuscu. Chegando lá, deitei-me na areia e esperei amanhecer.

Quando me encontraram na praia, foram chamar o rei. Contei a ele o que houve e ele disse que eu podia ficar em Blefuscu com uma condição:

— Você terá de recuperar minha esquadra.

Sem saída, aceitei, mas pedi alguns dias para resolver como faria o resgate dos navios. Ofereceram-me comida e disseram que eu deveria dormir na praia, pois não havia outro local apropriado para mim.

Eu não estava feliz em ter de trazer os navios de volta. A paz já havia sido acertada entre os reinos, apesar de ela existir somente no papel, e não no coração dos dois reis. Eu não queria **INCITAR** uma nova guerra.

Foi então que, no dia seguinte bem cedo, avistei uma coisa escura boiando ao longe. Nadei com **VIGOR** até lá e quase morri de emoção. Era um bote! Provavelmente havia escapado de algum naufrágio. Trouxe-o para a praia e chamei o rei.

Tive um trabalho enorme, tanto para recuperar o bote, que tinha furos e madeira podre, quanto para convencer o monarca a me deixar partir. Expliquei que um tratado de paz era a melhor solução e que eu não queria causar



DEFALCADA: reduzida, explorada

INCITAR: estimular

VIGOR: força, vitalidade





mais **DISCÓRDIA** entre os povos. Sentia falta da minha família e aquele bote era a minha única chance de voltar à minha terra.

Parti assim que avistei um navio lilliputiano se aproximar de Blefuscu. Usei minha coberta como vela e carreguei uma enorme pedra como âncora. Os blefuscuanos ainda me deram de presente trezentos carneiros e umas cem vacas para o meu sustento. Depois de uns três dias em alto mar, avistei um navio inglês e fui resgatado **SÃO** e salvo.

Capítulo 6 UM MUNDO OPOSTO A LILLIPUT

Foi emocionante rever minha família. Mary e as crianças achavam que eu tinha morrido e quase não acreditaram quando me viram. Montei de novo meu consultório e fiquei à espera de pacientes.

Apesar do clima de tranquilidade que vivia na Inglaterra, dois meses depois de ter voltado, chamei Mary na sala e disse:

— Querida, fui convidado para embarcar no navio Aventura e ir com ele até a costa da África.





Ela nem levantou os olhos, pegou seu bordado e se pôs a **TECER** sem ao menos dizer o que achava. Seu ar de indiferença me deixou triste, mas, mesmo assim, continuei:

— Olhe, depois de Lilliput, nada mais de extraordinário irá acontecer. Será uma viagem rápida.

Quando embarquei, dias depois, senti que o pouco caso de Mary indicava que ela já desconfiava de que algo mais iria acontecer e que não valia a pena se preocupar. Já estava acostumada a cuidar dos filhos e da casa.

A viagem começou bem, mas, no vigésimo primeiro dia, enfrentamos uma tempestade que nos desviou da nossa rota e nos deixou perdidos. A água **POTÁVEL** estava terminando, mas, quando o tempo melhorou, ancoramos o navio próximo a uns rochedos que, não sabíamos ao certo, poderiam ser de alguma ilha. O comandante ordenou que eu fosse junto com um marinheiro procurar água.

Descendo na praia, escondemos o bote e nos separamos. Cada um foi para um lado buscar um rio ou cachoeira para encher os galões e retornar ao navio. Como não havia encontrado nada em uma hora de caminhada, voltei à

-  **DISCÓRDIA:** disputa, briga
-  **SÃO:** saudável
-  **TECER:** costurar, bordar
-  **POTÁVEL:** que se pode beber

praia. Qual não foi minha surpresa quando vi meu companheiro remando sozinho de volta ao Aventura. Gritei com toda força:

— Ei, não me deixe aqui!!!

Ele não voltou e continuou remando cada vez mais depressa, como se estivesse com muito medo de alguma coisa. De repente, uma enorme sombra surgiu sobre mim. Olhei para o céu azul, sem uma única nuvem, e quase desmaiei. Um homem de uns vinte metros de altura me olhava lá do alto.

Saí em disparada por uma estrada de terra que atravessava um **MILHARAL**. Reparei que as plantas eram gigantes, o mato media uns seis metros cada folha e os pés de milho tinham cerca de doze metros. O homenzarrão saiu atrás de mim. Eu precisava tomar cuidado redobrado para não bater no mato e não ser pisado pelo sapato enorme que me perseguia.

Ouvi um trovão. Novamente, olhei para o céu e não vi chuva. Percebi, então, que era a voz do homem chamando ajuda. Em pouco tempo, cerca de três pares de sapato vinham na minha direção. Com medo de ser esmagado, berrei:

— Eu estou aqui! Chamo-me Gulliver! Aqui! — disse, encaminhando-me para um local sem tantas plantas.

Pensei que minha voz devia ser quase como um zumbido de mosquito para eles, mas, graças a Deus, o gigante me escutou, abaixou-se, deixou que eu subisse na palma de sua mão e olhou para mim atentamente. Depois me colocou no bolso e caminhou até sua fazenda.

Assim que entrei na casa, ele me colocou em cima da mesa de jantar, onde a família estava reunida. Sua esposa deu um grito quando me viu, mas logo se acalmou. Caminhei pela mesa mostrando a ela e ao seu filho de uns dez anos que eu era humano. O único que não entendeu foi o bebê, que me agarrou e colocou minha cabeça dentro da boca. Depois de ser salvo pelo pai, ganhei uns pedacinhos de pão e carne moída.

— Gulliver, meu nome é Gulliver — apresentei-me depois de matar a fome.

Como ninguém pareceu entender minha língua, deitei-me na mesa, tentando mostrar que queria descansar. O fazendeiro me levou para sua cama e eu dormi um sono profundo. Porém, quando acordei, dei de cara com um enorme animal. Ele tinha bigodes, parecia um leão e poderia me devorar num só **BOTE**.

Senti saudade de Lilliput e do tempo em que podia puxar uma esquadra inteira com apenas uma mão. Agora, era eu o homem-miniatura. Fiquei **IMÓVEL** por alguns instantes, que me pareceram uma eternidade, apavorado diante de um simples gato gigante.



MILHARAL: plantação de milho



BOTE: ataque traiçoeiro, como de cobra



IMÓVEL: estático, paralisado





Capítulo 7

A VIDA EM BROBDINGNAG

O gato veio em minha direção. Desesperado, encolhi-me, o que foi pior, pois o **FELINO** resolveu brincar comigo. Rolava-me no chão como se eu fosse uma bolinha de brinquedo. Quando já acreditava que iria morrer entre os dentes daquela criatura, a porta do quarto se abriu e uma menina de mais ou menos nove anos me salvou. A filha do fazendeiro tinha acabado de chegar e a mãe havia lhe contado sobre mim. Ela pegou o gato pelo pescoço e colocou-o do lado de fora da casa. Agradei-a de joelhos por isso.

A partir daquele dia, a menina passou a cuidar de mim. Eu dormia na caminha de sua boneca preferida, que foi instalada em uma prateleira suspensa. A esposa do fazendeiro e a filha passaram duas cordas entre as vigas do teto e amarraram-nas em uma tábua, colocando minha cama sobre ela. Desse modo, fiquei a salvo do gato e do bebê, dois dos maiores perigos para mim em Brobdingnag, o nome daquele país.

A boa menina dava-me comida, levava-me para conhecer os lugares e ensinava-me a língua deles. Passei a chamá-la de Babazinha. Eu disse que meu nome era Gulliver, mas ela preferia me chamar de Grildrig, que significava bonequinho no seu idioma.

Um belo dia, o pai de Babazinha levou-me para uma cidade próxima, a mais ou menos meia hora da fazenda. Chegando lá, colocou-me sobre uma mesa e cobrou ingresso de trinta pessoas por uma apresentação minha. Eu era obrigado a correr, dar cambalhotas, subir na mão do fazendeiro e pular de volta para a mesa; responder perguntas, comer pedaços de fruta e beber licor num dedal.

Como a notícia de que um homem em miniatura estava na cidade se espalhou, as pessoas começaram a fazer fila na porta da estalagem onde estávamos hospedados. O fazendeiro e o dono da pensão se olhavam satisfeitos e cobravam cada vez mais caro o ingresso dos espectadores. Eu fiquei exausto, trabalhei oito horas sem parar durante uma semana. À noite dormia **EXTENUADO** sobre um miniacolchoado feito por Babazinha.

A menina, que também tinha ido conosco, pois não se afastava de mim por nada, **IMPLOROU** ao pai que voltássemos para casa, mas meu dono estava entusiasmadíssimo com tanto dinheiro. Em vez de retornar à fazenda, fomos para a capital.

Uma noite, Babazinha percebeu que eu estava fraco, magro e com febre muito alta, então ela pediu ao pai:

- FELINO:** do, relativo ao, ou próprio do gato
- EXTENUADO:** muito cansado, exausto
- IMPLOROU:** suplicou, pediu humildemente

— Por favor, meu pai, vamos voltar para casa. Grildrig está doente, precisa descansar, comer bem e dormir bastante.

— Minha filha — disse ele com **AVIDEZ** —, Grildrig tem pouco tempo de vida. Vamos explorá-lo ao máximo e depois vendê-lo.

A menina abriu um **BERREIRO**. Indiferente, o pai continuou a me explorar nas inúmeras apresentações, que agora chegavam a ter sessenta pessoas por vez. Organizou também uma espécie de **LEILÃO** para me vender. Pessoas vinham de longe para fazer propostas.

Quando o leilão estava no **AUGE** da movimentação, ouviu-se um som de corneta e ninguém menos do que a rainha entrou no meio do círculo de pessoas que estavam em torno de mim. Observou-me com cuidado e disse ao fazendeiro:

— Quero comprar esse Grildrig. Fixe o preço e mandarei chamar meu marido para **CONSUMAR** o negócio.








O rei chegou irritado, pois havia sido tirado de seus **AFAZERES**. No entanto, também se admirou quando me viu. Comprou-me como um presente para a esposa, por uma quantia que deixou o fazendeiro rico. Babazinha chorava sem parar. Então tive uma ideia. Aproximei-me da rainha e expliquei:

— Senhora, estou muito doente e somente esta menina sabe cuidar de mim. Leve-a junto conosco, assim vossa majestade não terá de se preocupar com minha alimentação, vestimentas ou remédios. Ela se encarregará de tudo.

— É uma ótima ideia. Deixe que sua filha seja educada na corte — disse para o fazendeiro. — Deixe-me levá-la para o palácio real.

O pai aceitou imediatamente, deu um abraço em Babazinha, prometendo que viria visitá-la junto com a esposa e seguiu seu caminho. Nós fomos para o palácio. Babazinha ganhou um quarto e duas governantas. Eu ganhei uma casa feita pelo marceneiro real, que tinha o teto **REMOVÍVEL**, para a menina poder arrumar minha cama e depois colocá-la de volta.

Em três semanas, recuperei as forças com muito repouso e boa alimentação. A rainha não fazia as refeições sem a minha presença e o rei conversava longamente comigo todas as tardes. Ele perguntava coisas sobre o meu país e quase morria de rir quando lhe dizia que, assim como eles, também tínhamos rei, rainha, casas, escolas e guerras.

-  **AVIDEZ:** cobiça, ambição
-  **BERREIRO:** choro
-  **LEILÃO:** venda pública de objetos a quem oferecer o maior lance
-  **AUGE:** apogeu, ponto mais alto
-  **CONSUMAR:** completar, realizar
-  **AFAZER:** trabalho, ocupação
-  **REMOVÍVEL:** que pode ser removido, retirado





— Imagine, um mundo pequenino! — gargalhava.

Eu ficava um pouco chateado com essas gozações. O rei, percebendo minha irritação, disse-me uma tarde:

— Desculpe se eu o importuno com minhas risadas, Grildrig, mas você precisa entender que, pelo que me conta, a vida na Inglaterra é muito mais atrasada do que aqui.

— Como assim? — perguntei com indignação.

— Vocês sofrem com revoluções constantes, guerras, assassinatos, conspirações e **GANÂNCIA**. Nós temos uma **CONSTITUIÇÃO** justa que estabelece claramente os deveres e obrigações do rei, dos nobres e do povo. Eu, como soberano, governo este reino com o máximo de bom-senso, razão e justiça. Desprezo intrigas e procuro evitar a ambição exagerada. Além disso, somos autossuficientes. Não sabemos da existência de nenhum outro país além de Brobdingnag. Não temos com quem e nem por que guerrear.

Ouvindo o equilíbrio que tinham tais palavras e conhecendo o reino tão bem governado em que já me acostumava a viver, senti vergonha. A sociedade inglesa realmente precisava evoluir bastante.




Capítulo 8

OS ANIMAIS DE BROBDINGNAG

Comecei, aos poucos, a perceber que Brobdingnag era um lugar muito perigoso para mim. Por mais que Babazinha ficasse **ATENTA**, algo sempre acontecia. Como fazia muito calor, a casa do palácio tinha muitas moscas. O tempo todo eu precisava desviar daqueles enormes “pássaros” voadores, principalmente na hora da refeição. Desesperado, muitas vezes eu acabava matando as moscas com minha espada em plena mesa de jantar. A rainha ficava encantada com a minha rapidez e até batia palmas.

Ela gostava tanto de mim que mandou construir um lago particular que era, na verdade, uma pequena piscina, onde eu podia velejar num barco feito especialmente para o meu tamanho. Eu gostava de passar horas dentro do barco. Um dia, um sapo saltou de dentro da água e subiu no veleiro, que quase virou com o peso do bicho. Consegui fazê-lo voltar para a água sozinho, cutucando-o com o remo. Tanto a rainha quanto a Babazinha ficaram orgulhosas de mim.

Um outro episódio me deixou ainda mais preocupado. Foi quando pedi a Babazinha que me deixasse tomar sol no jardim. Como ela tinha aulas naquele

-  **GANÂNCIA:** ambição desmedida
-  **CONSTITUIÇÃO:** conjunto de leis de um país
-  **ATENTA:** com bastante atenção

horário, não pôde ficar ao meu lado, mas arrumou uma espécie de esteira sobre a grama, onde deitei para aproveitar o calor. No entanto, meu prazer durou pouco, pois o cachorro **FAREJADOR** do jardineiro me encontrou, segurou-me entre os dentes e foi correndo me levar para o seu dono, todo satisfeito. Eu não me machuquei, pois o animal era treinado, mas passei a ter muito medo de ficar sozinho.

Minha vida estava ficando cada vez mais complicada e eu não via nenhuma possibilidade de fuga. Eu era como um bichinho de estimação para a rainha, que jamais me deixaria partir. Cheguei a sugerir que construísse um navio de verdade para mim, mas, desconfiada de que eu pudesse ir embora nele, negou o pedido. Conformado em passar o resto da vida como uma espécie de bobo da corte, nem me entusiasmei quando o rei propôs:

— Vamos todos passar um tempo no palácio de verão! Vamos para o litoral!

Babazinha se gripou durante o trajeto e, quando chegamos lá, precisei ficar longe de minha protetora. Uma gripe poderia ser fatal para a minha saúde de homem pequenino. Pedi que um empregado me levasse até a praia, pois talvez houvesse alguma ilha próxima, a qual eu poderia alcançar a nado. Olhei para todos os lados e não vi nada, então resolvi dormir.

Eu havia ganhado uma caixa especialmente feita para ficar na praia. Tinha janelas laterais e um buraco no teto para deixar a luz do sol entrar. Se eu quisesse fechar o buraco, era só puxar uma espécie de tábua que corria entre trilhos. E foi o que fiz, fechei toda a caixa e adormeci sobre uma rede feita por Babazinha. Antes disso, porém, o empregado falou:

— Vou dar uma volta e procurar ovos de pássaro. Não abra o buraco da caixa até eu voltar. Sou responsável por você.

Não sei quanto tempo dormi, mas acordei de repente com um solavanco e senti que estava sendo levantado. Gritei, imaginando ser o empregado:

— Ei, você me acordou! Coloque-me no chão!

Como não houve resposta, resolvi abrir a janela. Percebi, então, que estava voando a uma altura muito distante da praia. Provavelmente, uma águia ou outro pássaro grande havia **IÇADO** minha caixa da areia. Apavorado, fechei a janela e voltei para a rede.

De repente, senti que estava caindo e, minutos depois, houve um baque forte, que me derrubou da rede e me jogou contra a parede. Ouvi um barulho de água e algumas gotas entraram pelas frestas da caixa. Molhei a ponta dos dedos e experimentei o gosto salgado daquela água.

— Meu Deus, caí no mar! — concluí.



FAREJADOR: que encontra pessoas pelo faro



IÇADO: erguido, levantado





Como eu estava boiando, não ousei abrir a janela, pois iria, certamente, encher a caixa de água e afundar. Já navegava **À DERIVA** durante várias horas, quando percebi que estava sendo içado novamente. Só que dessa vez escutei vozes em inglês!

— Tirem-me daqui! — gritei. — Sou Gulliver!

Quando pude, finalmente, sair da caixa, estava no convés de um navio inglês, rodeado por homens do meu tamanho me olhando **ATÔNITOS**. Expliquei minhas aventuras em Brobdingnag, mas eles não acreditaram em mim. Logo depois, o comandante concluiu:

— Você deve ter cometido algum crime para ser preso dessa maneira e jogado ao mar, mas não me cabe julgá-lo. Salvei sua vida e vou levá-lo para a Inglaterra.

Agradei e assim, depois de dois anos vivendo entre gigantes, voltei para Mary e as crianças, que também não acreditaram muito na minha história.





Capítulo 9 UMA ILHA QUE VOA

A situação financeira de minha família não estava boa, uma vez que Mary teve de se virar sozinha para sustentar a casa e os filhos durante minha ausência. Trabalhava como costureira, mas o dinheiro que ganhava era muito **ESCASO**. Em vista disso, para o meu espanto, foi ela mesma que me incentivou a embarcar numa viagem a Madras, no sudeste da Índia. Fui convidado para ser médico de bordo de um navio, que pagaria adiantado o meu salário.

Foi, então, que zarpei da Inglaterra para mais uma aventura no dia 5 de agosto de 1706. Deixei meu pagamento com Mary e ela me recomendou cuidado, embora soubesse que não adiantava falar muito sobre isso para mim.

A viagem ia muito bem até que, em abril de 1707, quando estávamos quase chegando ao nosso destino, fomos atacados por um navio pirata. Depois de sermos amarrados e **SAQUEADOS**, tivemos de esperar que os piratas decidissem o que iam fazer conosco. Como eu havia discutido com o comandante deles, acabei sendo o mais castigado. Colocaram-me todo amarrado numa canoa e me deixaram no mar à deriva. Disseram que assim eu morreria lentamente.

Confesso que fiquei apavorado quando me vi sozinho no meio do mar, mas, em pouco tempo, consegui soltar as cordas em torno do corpo e descobrir um remo embaixo de uma lona jogada no fundo da canoa. Parecia um

-  **À DERIVA:** sem rumo; solto, perdido
-  **ATÔNITO:** extremamente espantado
-  **ESCASO:** em pouca quantidade
-  **SAQUEADO:** roubado violentamente

milagre que o pior castigo havia se transformado em liberdade, pois, pelo menos, eu estava longe daqueles piratas **PERVERSOS**.

Avistei um **ARQUIPÉLAGO** ao sul e remei uma hora até alcançar a primeira ilha. Lá encontrei alguns ovos de pássaro, que mataram a minha fome, e um pequeno riacho, onde bebi enormes goles de água.

Não encontrei nenhum ser humano, apenas aves, caranguejos e peixes, mas, quando visitava uma outra ilha, vi o céu escurecer de repente. Olhei para o alto e percebi que a sombra era causada por nada mais, nada menos do que uma ilha voadora **PAIRANDO** sobre a minha cabeça.

A ilha tinha a base lisa e brilhante por causa do reflexo da água do mar. Ela desceu quase até pousar sobre a minha ilha e assim pude ver que as pessoas caminhavam de um lado para o outro. Como não queria ficar naquele arquipélago solitário, acenei com as duas mãos, chamando os habitantes daquele lugar:

— Vocês aí têm comida? Podem me ajudar?






Como resposta, recebi uma corrente que desceu com uma pequena cadeira **ACOPLADA**. Subi nela e fui puxado até a tal ilha voadora.

Chegando lá, percebi que as pessoas eram muito esquisitas. Algumas tinham os olhos constantemente voltados para o céu e a maioria tinha a cabeça virada para a esquerda ou para a direita. Como não consegui me comunicar com elas, resolvi segui-las. Subimos vários degraus e, durante a caminhada, observei que os homens andavam com roupas coloridas, estampadas com figuras de luas, sóis, estrelas e instrumentos musicais.

Em pouco tempo, chegamos ao palácio real. Fui levado à presença do rei, mas ele não reparou quando entramos. Continuou trabalhando sem parar, fazendo contas e anotando números em pedaços de papéis. Depois de quase uma hora, terminou seus cálculos. Um empregado chacoalhou um objeto cheio de sementes perto do ouvido e da boca do soberano. Como se tivesse despertado de um **TRANSE**, o rei finalmente me viu.

Tentei falar com ele, mas foi impossível. O monarca parecia dormir enquanto eu fazia minhas perguntas para logo depois ser despertado pelo empregado que chacoalhava o balão perto de seu ouvido. Percebi, então, que todos os homens de olhos e cabeças viradas tinham seus empregados como despertadores.

Fui levado a uma mesa de refeição onde a comida tinha forma geométrica. Devorei carne de porco em forma de triângulos, frangos parecendo losangos, suflês redondos e pão cortado em fatias quadradas, retangulares e pentagonais.

-  **PERVERSO**: maldoso
-  **ARQUIPÉLAGO**: conjunto de ilhas
-  **PAIRANDO**: voando devagar
-  **ACOPLADA**: amarrada, associada
-  **TRANSE**: estado de alteração da consciência



Após o almoço, fui apresentado a um professor que iria me ensinar a língua daquele lugar. Ele também tinha um despertador, que chacoalhava o balão sem parar à medida que ia me explicando os verbos e as palavras **ESSENCIAIS**. Assim que consegui formar frases, perguntei por que em Laputa — esse era o nome da ilha — algumas pessoas tinham despertadores.

O professor me explicou que suas mentes viviam constantemente concentradas, ocupadas com coisas mais importantes do que as bobagens do cotidiano.

— Que coisas? — perguntei.

Após um violento chacoalho do empregado, ele respondeu:

— Ocupamo-nos da matemática, da astronomia e da música. Estudamos os planetas, os fenômenos terrestres; calculamos catástrofes e escutamos a música sideral. Por isso, só conseguimos ouvir e falar com a ajuda dos nossos auxiliares, que nos despertam para o dia a dia.

Consegui conversar com alguns empregados e trabalhadores braçais, que não precisavam ser despertados. Um deles me disse:

— A vida aqui é muito chata. Todos se preocupam demais com teorias e **HIPÓTESES**; com o fato de que daqui a milênios o sol vai se apagar, ou que talvez haja uma possibilidade em trinta milhões de o planeta Ângulo colidir com o cometa Hipérbole. Ninguém tem fantasias, imaginação; ninguém se diverte.

Capítulo 10

O FUNCIONAMENTO DE LAPUTA

Fiquei curioso para saber mais coisas sobre a ilha e comecei a fazer diversas perguntas ao meu professor, à medida que o tempo ia passando. No dia em que percebi que estávamos sobrevoando outras ilhas, perguntei a ele:

— Onde estamos?

— Estamos indo para Lagado, a metrópole do reino. Ela fica no continente, mas antes precisamos visitar alguns vilarejos. É preciso que o rei saiba como andam as coisas por esses lugares — respondeu.

— Nós vamos aterrissar em cada um deles? — perguntei.

— Não, jogamos cordas e as pessoas amarram bilhetes nelas com seus pedidos — explicou-me.

— E o rei nunca desce até as ilhas pessoalmente?

— Não, para isso ele tem ministros que o informam de qualquer problema.



ESSENCIAL: absolutamente necessário, indispensável



HIPÓTESE: teoria que ainda não foi provada

- Que tipo de problema?
- Ora, guerras, rebeliões, **SONEGAÇÃO** de impostos, essas coisas.
- Então Laputa pode enviar um exército para resolver as rebeliões.
- Não precisamos de exército — explicou o professor. — Quando há alguma guerra, sobrevoamos a ilha rebelada até que o povo fique dias sem a luz do sol e sem a chuva. Isso causa doenças, falta de comida, e, então, os revoltosos se acalmam.

Fiquei espantado com tudo isso e calei-me. O despertador do meu mestre achou que eu tivesse me distraído e chacoalhou o balão ferozmente ao lado do meu ouvido. Sorri para ele e continuei:

- Professor, como funciona o mecanismo que faz Laputa voar?

— A base da ilha é feita de uma pedra duríssima, praticamente inquebrável e o interior dela é composto de ímã. Através da movimentação de um cilindro no centro da ilha, o ímã nos direciona para o lado que desejamos.

- Todos sabem desse mecanismo?

— Sim. Uma vez íamos destruir uma das ilhas, quando os nossos astrônomos sentiram um tipo estranho de atração magnética. Descobrimos que os rebeldes haviam construído quatro torres com ímãs nas pontas para atrair Laputa e assim nos deixar presos para sempre. Por sorte conseguimos evitar a tragédia.

- E por que a ilha ia ser destruída?

— Porque o povo de lá exigia coisas sem sentido do rei. Queriam, por exemplo, escolher seu próprio governador. Acabamos perdendo aquela ilha, que agora está **EMANCIPADA**, mas, desde aquela época, fazemos rondas mais constantes sobre os vilarejos. Não podemos correr o risco de que outras torres sejam construídas.




Quando chegamos em Lagado, fiquei impressionado com a miséria do povo. As pessoas eram magras, andavam com roupas esfarrapadas e não tinham o que comer. Novamente, indaguei meu professor:

- Por que a pobreza é tão grande em Lagado?

— Essa é uma longa história — começou. — A metrópole já foi muito próspera. Tínhamos campos verdinhos, plantações e boas condições de vida.

- O que houve, então?

— Uma vez, umas pessoas daqui resolveram conhecer Laputa. Quando retornaram, trouxeram ideias **ERRÔNEAS** sobre a nossa matemática e fundaram a Academia de Projetos. Agora, passam o tempo pesquisando e discutindo planos para a agricultura, moradia, linguagem etc. Como nenhum plano foi aprovado até agora, o povo vive em miséria.

-  **SONEGAÇÃO:** deixar de pagar
-  **EMANCIPADA:** livre, liberta
-  **ERRÔNEA:** errada, enganada



Fomos até a Academia, pois eu queria ver do que tratavam os projetos. Não acreditei no que vi. As pessoas estavam há anos pesquisando uma maneira de arar a terra sem gado, mão de obra ou arado. Experimentalmente, enterravam comida e em seguida soltavam cerca de seiscentos porcos no local. Como eles **ESCARAFUNCHAVAM** a terra atrás do alimento, o solo ficava pronto para ser semeado. O projeto acabava sendo mais caro, mas os pesquisadores não desistiam dos estudos.

Na área da arquitetura, havia um profissional que queria construir casas como os insetos, começando pelo teto. Um linguista desejava abolir os verbos, pois, segundo ele, as coisas reais eram substantivos. Outro mais ousado queria abolir a própria língua. Quando **INDAGUEI-O** do porquê dessa ideia, ele me explicou:

— Cada palavra que dizemos **CORRÓI** os nossos pulmões. Para que duas pessoas tenham uma conversa, é preciso que carreguem apenas os objetos necessários para determinado tema.

Aquelas loucuras acadêmicas todas me deixaram um pouco angustiado. Como um povo inteiro poderia passar fome e frio em função de pesquisas inúteis que já duravam anos? Por que não usar os métodos antigos de aragem, construção, comunicação, que tinham a sua eficiência já comprovada? Como as pessoas de Lagado e Laputa não se importavam muito com a minha presença, pois estavam sempre com as mentes muito ocupadas, resolvi pensar no meu retorno à Inglaterra.

Capítulo 11

MORTOS QUE VOLTAM E A VIDA DOS QUE NÃO MORREM

Descobri que uma outra ilha chamada Luggnagg comercializava produtos com o Japão. Se conseguisse chegar até esse país, lá estaria a salvo, mesmo que minha viagem para a Inglaterra demorasse bastante. Pedi então ao rei que me deixasse ir até Luggnagg, mas, mesmo com a permissão dele, precisei aguardar um mês até que o próximo navio para lá saísse de Lagado.

Aconselhado por meu professor, resolvi viajar um pouco, enquanto aguardava a vinda do navio, e conhecer uma ilha de nome Glubbubdrig, que quer

- ESCARAFUNCHAVAM: remexiam, revolviam
- INDAGUEI-O: perguntei-lhe
- CORRÓI: destrói, gasta, consome lentamente

dizer “Ilha dos Mágicos”. Chegando lá, fui muito bem recebido pelo governador, que me hospedou em sua própria casa e me proporcionou refeições deliciosas.

Logo que cheguei, porém, notei que os empregados pessoais do governador, assim como os guardas do palácio do governo, usavam roupas antigas e tinham o rosto muito **PÁLIDO**. Em seguida, no primeiro jantar em Glububdrig, percebi uma coisa incrível. Todas as vezes que os empregados terminavam suas tarefas, o governador estalava os dedos e eles desapareciam como um passe de mágica. Assustado, perguntei:

— Para onde vão os empregados quando o senhor estala os dedos?

— Voltam para o céu — respondeu o político.

Meu rosto começou a queimar de nervoso e, então, meu **ANFITRIÃO** disse:

— Acalme-se, Gulliver. São pessoas mortas que chamo para serem meus serventes, mas não fazem mal a ninguém.

— O senhor pode chamar quem quiser do mundo dos mortos?

— Posso, mas é claro que não chamaria um antigo rei para lavar minha louça.

Passsei do desespero ao entusiasmo, pois, com a ajuda do governador, pude conversar longamente com Aristóteles e Homero, com reis ingleses e historiadores. Fiquei feliz em aprender mais sobre filosofia e história, mas **RESSENTI-ME** ao falar com pessoas condenadas à morte por crimes que não cometeram e conhecer os verdadeiros assassinos. “Como a justiça age errado muitas vezes!”, refleti.

Por causa desses meus encontros com os mortos, o mês passou voando e precisei tomar o barco que ia para Luggnagg. Assim que cheguei, fui procurar o rei. Ao entrar no palácio, o monarca me cumprimentou e perguntou, preocupado:

— Você já encontrou algum struldrugg?

— O que é isso? — quis saber.

— São os imortais. Você os distingue porque eles têm um círculo colorido na testa.

— Meu Deus, isso é verdade, majestade? Aqui existem imortais?

— Sim, são poucos, mas existem. A cada século apenas dois ou três nascem. Quando crescem, têm filhos mortais como nós.

— Mas isso é maravilhoso! Eu ainda não vi ninguém com um círculo na testa, mas adoraria conhecê-los. Este é um lugar incrível, que coisa magnífica! — continuei, tentando me refazer do espanto.

No entanto, o rei parecia não estar gostando do meu entusiasmo.

— O que você faria se fosse imortal? — perguntou.



PÁLIDO: com a pele descorada

ANFITRIÃO: aquele que recebe um convidado; dono da casa

RESSENTI-ME: magoei-me muito





— Não sei nem por onde começar. No início eu iria trabalhar bastante até ficar rico. Depois, deixaria o emprego e viveria das minhas fartas economias. Estudaria durante duzentos ou trezentos anos até me tornar um sábio, um oráculo que pudesse aconselhar os homens e mudar as coisas que impedissem a felicidade.

O rei soltou uma enorme gargalhada e disse:

— Ser imortal é uma desgraça, Gulliver. Para começar, nenhum struldbrugg pode acumular riquezas, senão não haveria dinheiro suficiente para os mortais. Eles são obrigados, aos oitenta anos, a entregar tudo o que têm aos filhos e **CÔNJUGES**.

— Mas eu nunca me casaria ou teria filhos. Seria insuportável vê-los morrer.

— Então teria de entregar tudo ao Estado e ser sustentado por ele para sempre.

— E se eu continuasse trabalhando?

— Um homem de oitenta anos não consegue trabalhar como antes. Mesmo que a evolução da medicina cure muitos dos males da velhice, uma pessoa velha adquire manias e loucuras que se **PERPETUARIAM**.

Inconformado, sugeri:






— Eu poderia continuar estudando, educando crianças, fazendo amigos.

— Os imortais não têm amigos. Eles têm inveja dos jovens mortais por causa de sua juventude e dos velhos porque vão morrer, livrando-se assim das dores e do cansaço extremo. Além disso, têm dificuldade para se comunicar com as pessoas, pois não conseguem acompanhar a evolução **LINGUÍSTICA** que ocorre com o tempo. Perguntei a você se tinha visto algum deles porque são pessoas ruins, **AVARENTAS, MESQUINHAS**. Tive medo de que você recebesse uma falsa imagem do nosso povo.

Refleti muito sobre tudo aquilo e, apesar de não ter encontrado nenhum struldbrugg durante os dois dias que passei em Luggnagg, quando embarquei para o Japão, senti que havia perdido o medo da morte.

Capítulo 12 UMA CIVILIZAÇÃO MUITO DIFERENTE

De volta à Inglaterra, montei meu consultório e tratei de vários doentes. Em pouco tempo, juntei dinheiro suficiente para comprar o Aventura, aquele navio

-  **CÔNJUGE:** marido ou esposa
-  **PERPETUARIAM:** durariam para sempre
-  **LINGUÍSTICA:** que se refere à língua
-  **AVARENTA:** pessoa com apego ao dinheiro, com falta de generosidade
-  **MESQUINHA:** vulgar, sórdida, pobre de espírito

no qual eu havia trabalhado como médico de bordo e que me abandonara em Brobdingnag. Comprei também mercadorias e saí para o mar em direção a Barbados, onde tinha a intenção de comercializá-las. Estávamos no ano de 1710.

Infelizmente, durante a viagem, a maioria da minha tripulação **ADOECEU** e acabou morrendo, vítima de uma febre tropical contra a qual nenhum remédio que havia à bordo funcionou. Em função disso, precisei contratar novos marinheiros em Barbados, mesmo sem saber bem quem eram. Os homens subiram no Aventura e, em menos de dois dias, armaram um motim. Fui amarrado na minha cabine e os falsos marinheiros começaram a agir como piratas. Apoderaram-se de tudo o que podiam e venderam todas as minhas mercadorias.

Depois passamos semanas em alto-mar, pois os homens queriam encontrar navios, saqueá-los e vender os produtos em outras ilhas do Caribe. Eu não podia fazer nada para impedi-los, pois continuava preso e imobilizado.

Foi então que um pirata desceu na minha cabine uma manhã e disse que fora **INCUMBIDO** de me deixar em alguma praia. Subi em um bote comandado por dois remadores e cheguei em terra. Não adiantou reclamar, eles me deixaram sozinho na praia. A primeira coisa que percebi ao chegar lá foi que havia várias pegadas de cavalo e também marcas de pés humanos na areia. Mais tranquilo por pensar que certamente haveria gente de bem naquele local, caminhei por entre árvores e campos de girassóis em busca de alguém. A beleza das flores e da paisagem me deixou encantado.

No entanto, dei de cara com um tipo muito estranho de animal. Para começar tinha um cheiro horroroso, andava tanto com as quatro patas quanto somente com as duas traseiras. Era grande, tinha o peito e a cara peludos e não tinha rabo. Parei, **RECEOSO** de que o bicho me atacasse. Ele se aproximou, tentando tocar-me. Peguei minha faca, a única arma de que dispunha e ameacei-o. O animal emitiu um som altíssimo, atraindo outros semelhantes a ele. Vários daqueles bichos fedidos me rodearam, **PRENSANDO-ME** contra uma árvore. Seus pelos eram de diversas cores: alguns vermelhos, outros amarelos ou pretos, mas a maioria era marrom.

Quando eu já não tinha mais esperanças, pois acreditava que seria devorado, escutei um galope de cavalo. Os bichos peludos deviam ter muito medo de cavalos, pois fugiram desesperados ao verem o animal se aproximar. Respirei aliviado e tentei tocar na crina do meu salvador, mas ele se afastou andando para trás.

— Venha cá, meu amigo. Não quero lhe fazer mal — disse a ele.



ADOECEU: ficou doente

INCUMBIDO: encarregado

RECEOSO: com medo

PRENSANDO-ME: prendendo-me contra





Visivelmente admirado diante das minhas palavras, o cavalo soltou um **RELINCHO** demorado, como se estivesse chamando alguém e, rapidamente, outro cavalo se aproximou. Fiquei observando os dois, que começaram a conversar literalmente em uma língua que eu não conhecia. Eles me apontavam com uma das patas dianteiras e diziam:

— Yahoo.

Imitei-os e disse também:

— Yahoo.

Espantadíssimos com a minha capacidade de imitá-los, disseram várias vezes uma palavra que tinha um som semelhante a houyhnhnm, ou uin-nam. Imitei-os novamente e os cavalos, então, fizeram gestos com a cabeça, indicando que eu deveria segui-los.

Chegamos a casa muito bem-cuidada, com telhado de palha e paredes de madeira. Entramos e qual não foi minha surpresa quando, em vez de pessoas, encontrei cavalos limpando o chão e lavando objetos em uma enorme **TINA** d'água. Uma égua e dois potrinhos se assustaram ao me verem, mas o cavalo que havia me salvado das criaturas fedorentas os acalmou e mostrou que eu não iria lhes fazer mal.

Todos os cavalos se juntaram em um canto e começaram a conversar na língua deles. Diziam muito a palavra yahoo e, em pouco tempo, entendi o porquê. Levaram-me até um lugar afastado da casa, onde vários daqueles animais peludos, que eu tinha encontrado antes, lutavam entre si por um pedaço de carne crua.

Olhei para aquela cena desolado, ao perceber que as criaturas horrorosas pareciam muito comigo. Eram mais cabeludas do que eu, além de terem a pele semelhante a um tipo de couro. O rostos eram deformados, suas bocas grandes eram desproporcionais ao tamanho dos olhos. O mesmo acontecia com as orelhas em relação aos narizes. Contudo, as mãos eram idênticas às minhas, com a única diferença de que as suas unhas eram muito compridas. Tinham a formação corporal de um homem e os seus pés também eram semelhantes aos meus.

Aquilo me deixou numa tristeza profunda. Agora, eu estava entendendo, os cavalos achavam que eu fosse um yahoo, ou seja, um daqueles animais **DETESTÁVEIS**. Fiz sinais tentando mostrar que eu não era como os yahoos. Eu não queria comer carne crua e apontei para uma vaca, sinalizando que eu queria leite. Fui atendido, ganhei leite e uma pequena cabana para dormir. Os houyhnhnms, que, mais tarde aprendi, eram os cavalos, estavam confusos, pois sabiam que eu era um yahoo diferente. Eu era inteligente, conseguia repetir o



RELINCHO: som emitido por cavalos

TINA: vasilha

DETESTÁVEL: odiável, péssimo, insuportável

que eles falavam. Além disso, as roupas que eu vestia chamavam atenção. Eles tocavam nelas com as patas, imaginando que faziam parte do meu corpo.

Capítulo 13

OS HUMANOS: RACIONAIS OU IRRACIONAIS?

Aos poucos, senti que o cavalo que me levou para a casa dele começava a gostar de mim. Ele se admirava cada vez mais com a minha inteligência e, por isso, passou a me ensinar a língua dos houyhnhnms. Era uma língua muito bonita; a palavra houyhnhnm, por exemplo, significava “perfeição da natureza”.

Eu tinha medo de que descobrissem que as minhas roupas não faziam parte do meu corpo. Talvez eles chegassem à conclusão de que eu fosse mesmo um yahoo e me levassem para junto deles. Mesmo assim, resolvi contar esse segredo para o cavalo que era meu professor. Já não aguentava mais tomar banho de rio à noite para não ser desvendado, e gostaria de lavar as minhas roupas de vez em quando.

— Mestre, preciso lhe contar uma coisa — disse a ele.

— Diga, Gulliver — respondeu o cavalo.

— Estes panos não fazem parte de mim. Só servem para me proteger do frio — expliquei, tirando a camisa e mostrando-a ao houyhnhnm.

O mestre olhou as roupas, depois pediu que eu me virasse e me examinou, tocando com a pata na minha pele. Em seguida, constatou:

— Você é realmente parecido com um yahoo. Mas não tenha medo, deixarei que continue morando em sua cabana. Pelo que vejo, vocês são da mesma espécie, mas a sua inteligência é muito superior à de um yahoo. Venha, vou lhe mostrar como eles agem.

Fomos até o local onde viviam os animais peludos e o meu mestre explicou:

— Eles lutam por comida, mesmo que haja comida suficiente para todos. É preciso que se alimentem vigiados por um houyhnhnm, caso contrário, acabam se matando. Além disso, passam o dia procurando pequenas pedrinhas brilhantes que encontram enterradas no chão ou no leito dos rios. Cada um coleciona e esconde essas pedras. Se por acaso um deles é roubado, acontece uma verdadeira revolução, que quase sempre acaba em morte.

— Não é possível ensinar coisas aos yahoos? — perguntei.

— Eles se recusam até a ser domesticados. São violentos, ariscos. Até mesmo os bebês yahoos atacam quando são acariciados por um de nós.

Constatando de novo minha semelhança física com aqueles bichos, meu professor perguntou:

— Diga-me, Gulliver, como você consegue ser um yahoo tão esperto quanto um houyhnhnm?





— Na minha terra, todos são como eu, mestre. Desculpe-me se o ofendo, mas, na Inglaterra, os houyhnhnms é que são seres irracionais, como os yahoos daqui. Quando eu voltar para lá, ninguém vai acreditar se eu contar que conheci um lugar onde os houyhnhnms são racionais.

— Como assim, não vão acreditar? Na sua terra, vocês falam coisas que não existem? Se você diz alguma coisa é porque quer comunicar isso. Por que não acreditariam? — perguntou.

Percebi que na terra onde eu estava não existia mentira, eles não tinham nem mesmo uma palavra para isso. Comecei, então, a explicar para meu professor como era a vida no meu país.

— Os humanos contam o que chamamos de mentira, ou coisas que não são verdadeiras, para esconder erros que cometem, para **ILUDIR** os outros, **GABANDO-SE** de coisas que não fizeram, mas que dizem que fizeram, ou para inventar qualidades que não possuem. Quando roubam ou cometem crimes, mentem para não serem presos.

— Roubam o quê? — ele quis saber. — Não existe comida suficiente?

— Temos muito mais comida do que aqui, mas trocamos a maior parte dela com outros países, que nos mandam bebidas, colares, temperos, diversas coisas desnecessárias, mas que servem para atender a ganância humana. Também temos o dinheiro, um tipo de metal que serve para comprarmos tudo o que quisermos: roupas, casas, terra, comida, bebida etc.

— Vocês precisam comprar comida e bebida?

— Sim. Só se consegue as coisas através do dinheiro. Existem ricos e pobres. Os pobres trabalham e são pagos pelos ricos, mas, infelizmente, o que recebem não dá para eles comprarem nem mesmo o que comem, quanto mais um lugar adequado para viver.

— Então são os pobres que roubam comida?

— Os ricos, mestre, roubam muito mais, pois querem ter cada vez mais dinheiro, mesmo que não precisem.

Meu professor, que era um belo cavalo cinza, ficou pensativo. Em seguida, disse:

— Sabe, Gulliver, seria melhor que vocês fossem irracionais como os yahoos daqui. Vocês poderiam fazer coisas maravilhosas com a inteligência que possuem. No entanto, contam mentiras, trocam o alimento por coisas insignificantes, passam fome, exploram uns aos outros e acabam se matando por causa desse tal dinheiro que inventaram.

Envergonhado, abaixei a cabeça e disse:



ILUDIR: enganar, frustrar

GABANDO-SE: vangloriando-se, preconizando qualidades

— Obrigado por me receber em sua casa, mestre. Com você e sua família, aprendi a apreciar muito mais a sua raça do que a minha. Vivendo neste país, percebi que não só os houyhnhnms, mas a maioria dos animais são mais dignos do que os seres humanos.

Capítulo 14 A DESPEDIDA

Minha presença naquele país começou a incomodar os houyhnhnms. Muitos cavalos temiam que eu lhes fizesse mal e a maioria não me julgava digno de conviver com eles, uma vez que eu era da mesma raça que os yahoos. Organizaram, então, uma enorme assembleia com todos os membros da sociedade, na qual decidiram que eu deveria partir.

Inconformado, fui passear pela praia. Observei, com cuidado, o horizonte para ver se avistava alguma ilha. Afinal, eu não podia partir para qualquer lugar, era preciso ter um destino certo. Quando já havia desistido, pois só conseguia enxergar o mar, forcei um pouco os olhos e percebi um contorno azul quase imperceptível na linha do horizonte. “É uma ilha”, disse para mim mesmo. “Só espero que seja desabitada, pois, se não posso viver aqui, entre os houyhnhnms, prefiro viver isoladamente. A raça humana me dá aversão, não quero nunca mais viver entre pessoas.”

Com a ajuda dos cavalos, construí uma canoa bem grande. Despedi-me da família de houyhnhnm que me acolheu com o coração partido. Empurrei a embarcação contra as ondas próximas da praia e saí remando em direção à ilha que havia visto. Depois de quatro horas, encontrei rochas, um riacho com peixes e algumas árvores frutíferas. Pensei que ali seria um bom lugar para viver sozinho, construir a minha casa e tentar plantar alguma coisa. Porém, havia nativos na ilha. Assim que me viram, tentaram me atirar flechas, mas eu fui mais rápido e remei para longe.

Eu não tinha para onde ir. Deitei no fundo do barco e rezei para que o mar me levasse para algum lugar deserto, onde eu pudesse me isolar. Depois de vários dias à deriva, um navio português me resgatou. Não tive problemas para me comunicar com eles, já que eu falava bem o idioma de Portugal. Lutei contra os marinheiros e disse a eles que não queria ser salvo.

— Quero ficar aqui — falei. — Deixem-me.

— Este homem está perturbado. Recolham-no — ordenou o capitão. — Deve estar doente com tanto sol na cabeça. Não posso abandonar um naufrago em alto-mar.

Fui levado primeiro para Lisboa e depois puseram-me em um navio inglês que retornava para seu país. Mary e as crianças jamais imaginavam me reencon-



trar, uma vez que fazia cinco anos que eu os havia deixado. Abraçaram-me comovidos e eu caí no choro. Vi em seus olhos que, talvez, eu pudesse fazer alguma coisa pela raça humana. Mas, depois de tantas viagens, eu havia mudado. Não conseguia interagir com a minha família. Fiquei um ano sem tocar em Mary e sem comer na mesma mesa que meus filhos.

Por fim, fui viver isoladamente no campo. Comprei dois garanhões que são os meus grandes companheiros. Uma parte de mim sonhava em ensinar minha família a amar os animais e a respeitar princípios de amizade, bondade, dignidade e honra que aprendi com eles. Infelizmente, nunca fui capaz de transmitir esses conhecimentos. Cada vez que olho para um ser humano, lembro-me daqueles insuportáveis yahoos. Isso me enche de tristeza. Sinto muita falta dos houyhnhnms, por isso transformei minha vida em uma constante busca pelos valores desses meus amigos “irracionais”.



ROTEIRO DE LETURA

- 1) De qual dos países que Gulliver visitou você mais gostou? Por quê? De qual dos países você gostou menos? Por quê?
- 2) Por que o rei de Lilliput queria acabar com o reino de Blefuscu? Ele tinha boas razões para isso?
- 3) Os reinos de Lilliput e Blefuscu assinaram um tratado de paz. Quem levava vantagens nesse tratado? Por quê?
- 4) Junte-se a um colega, escolham uma passagem do livro e apresentem-na para a sala.
- 5) Quando Gulliver chegou à terra de gigantes, foi obrigado a trabalhar muito. Você achou justo que ele trabalhasse para o fazendeiro que o encontrou?
- 6) Quais eram os problemas que ele enfrentava com os animais de Brobdingnag? Os animais eram maus ou apenas agiam por instinto?
- 7) O que o rei de Brobdingnag achava da vida na Inglaterra? Qual era a diferença entre o governo da Inglaterra e o de Brobdingnag?
- 8) Por que muitos habitantes de Laputa tinham despertadores humanos? Alguma vez você já agiu como eles?
- 9) O que os laputianos gostavam de estudar? Você também gosta dessas matérias?
- 10) Como vivia a população de Lagado? Por quê? O que você achou dos projetos de pesquisa da Academia de Projetos daquela capital? Será que isso ocorre em nossas universidades?
- 11) Se Gulliver viesse ao Brasil, do que você acha que ele iria gostar? O que ele iria odiar?
- 12) O que você achou do fato de que em Glubbubdrig era possível chamar e conversar com pessoas mortas? O que Gulliver descobriu conversando com elas?
- 13) Se você pudesse conversar com alguma pessoa famosa que já morreu, quem você escolheria? Por quê? O que você perguntaria?
- 14) Como os imortais de Luggnagg viviam? Você gostaria de ser um struldbrug? Por quê?
- 15) Qual era a diferença entre um yahoo e um houyhnhnm?



- 16) No país dos houyhnhnms existe mentira? Como os trabalhos são organizados?
- 17) Você acha que Gulliver tem motivos para querer viver isoladamente? Você acha que ele poderia fazer os seres humanos mudarem?
- 18) Discuta com os colegas algumas coisas práticas que Gulliver poderia propor para que a sociedade inglesa vivesse melhor. O que vocês sugeririam para a sociedade brasileira de hoje?
- 19) Na sua opinião, por que Gulliver não conseguia ficar na Inglaterra por muito tempo e decidia viajar constantemente?
- 20) Se você fosse Mary, a mulher de Gulliver, o que faria em relação à ausência de seu marido? E se fosse filho dele?



VIAGENS DE GULLIVER

Jonathan Swift

BIOGRAFIA DO AUTOR

Jonathan Swift nasceu em Dublin, na Irlanda, em 1667. Nunca conheceu seu pai, que morreu no mesmo ano de seu nascimento. Em 1682, começou a estudar na Trinity College, onde concluiu seus estudos, apesar de ter enfrentado diversos problemas por ser um aluno indisciplinado.

Por volta de 1688, Swift deixou seu país e mudou-se para a Inglaterra com a mãe. Viveu na cidade de Leicestershire e, logo depois, tornou-se secretário de Sir William Temple, um homem do governo que foi amigo de seu avô.

Em 1692, fez mestrado em Teologia na Universidade de Oxford e, logo em seguida, foi ordenado ministro da Igreja Anglicana na Irlanda.

Voltando ao seu país de origem, Swift se deu conta da situação difícil que seu povo enfrentava. A Inglaterra dominava a Irlanda, estabelecendo leis, controlando o comércio e assim mantendo o país sob sua dependência. Nenhum produto irlandês podia ser exportado; as pessoas se revoltavam, sofriam com o desemprego, a fome e a miséria.

Diante disso, Swift tentou chamar a atenção dos cidadãos submissos e indiferentes à própria condição da sociedade por meio de seus livros. *Viagens de Gulliver*, publicado em 1726, é um exemplo de sátira à sociedade inglesa da época. Durante várias viagens feitas por um médico a países imaginários, são mostrados os diferentes tipos de sociedade. Em cada uma delas, o leitor se depara com ministros incompetentes, reis gananciosos, intelectuais sem aptidão e pessoas fúteis.

Durante toda a vida, Swift sofreu de um tipo de vertigem, que se intensificou em 1738 e acabou por causar-lhe a morte em Dublin, no ano de 1745.

